



**SENTENÇAS CLIVADAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO:
ASPECTOS FORMAIS DE ESTRUTURAS FOCALIZADORAS
À LUZ DO PROGRAMA CARTOGRÁFICO**

**CLEFT SENTENCES IN BRAZILIAN PORTUGUESE:
FORMAL PROPERTIES OF FOCUS STRUCTURES FROM THE PERSPECTIVE
OF THE CARTOGRAPHIC PROGRAM**

Damaris Matias Silveira¹

Resumo: Este artigo visa investigar as propriedades formais das clivadas canônicas do português brasileiro (PB). Tais sentenças são designadas para focalizar constituintes através de movimento A-barra e da presença da cópula e do complementizador para garantir ênfase ao constituinte focalizado. O principal aspecto formal das clivadas são as possibilidades de convergência do verbo *ser* com outros elementos da sentença em termos de concordância e tempo. O panorama padrão em PB seria a concordância da cópula com o foco e a harmonia temporal entre a mesma e o verbo temático. Por outro lado, o PB – mas não o português europeu (PE) – licencia clivadas que não apresentam tais convergências. Esse fenômeno levou alguns autores a defender que, nesse caso, a cópula está gramaticalizada como um item focalizador, já que estaria na forma invariável *é*. Forneceremos evidências para postularmos que não há gramaticalização envolvendo a cópula das clivadas do PB e proporemos que as clivadas canônicas possuem sempre uma cópula verbal, que projeta uma estrutura argumental IP, mesmo quando aparenta estar na forma invariável. O mesmo não é verificado nas clivadas *é que*, que apresentam o foco na posição inicial da sentença, que possuiriam cópula funcional.

Palavras-chave: clivadas; cartografia; gramaticalização; concordância.

Abstract: This paper aims to investigate the formal properties of the canonic cleft structures in Brazilian Portuguese (BP). Such sentences are used to focus syntactic constituents through A-bar movement and the presence of a copula and a complementizer in order to provide emphasis to the focalized constituent. The main aspect of the formal properties of the cleft sentences is the convergence possibilities between the verb *ser* (be) and another elements of the sentence in terms of agreement and tense. The canonic panorama in PB is the agreement of the copula with the focus and the tense harmony with the thematic verb. On the other hand, BP – but not European Portuguese (EP) – licenses cleft constructions without such convergences. This phenomenon led some authors to defend that, in this case, the copula was grammaticalized into a focus element, once it would figure in the invariable form *é* (is). We will provide evidences to postulate that there is no grammaticalization involving the copula of the clefts in BP and propose that the canonic cleft has always a verbal copula, that project an argument structure (IP), even when it appears to be invariable. The same is not observed in the *é que*-clefts ones, with the focus on the initial position of the sentence. This type of cleft would have a functional copula.

Keywords: clefts; cartography; grammaticalization; agreement.

¹ Doutorada em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC, Brasil.
damysilveira@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5264-9202>

1. INTRODUÇÃO

Construções clivadas são sentenças utilizadas para realizar focalização de constituintes sintáticos através de movimento não argumental para uma projeção focal. Por meio desse processo, bem como pelo uso de elementos focalizadores – cópula e complementizador –, são originadas as estruturas clivadas do português brasileiro:

- (1) a. Foi a menina que comeu a torta.
b. A menina é que comeu a torta.

A sentença em (1a) é conhecida na literatura como *clivada canônica*. Já a sentença em (1b) é comumente associada, em estudos do PB, como a versão invertida de (1a), sendo denominada *clivada invertida*. Não assumiremos essa nomenclatura, uma vez que consideramos que (1a) e (1b) não são estruturas análogas. Portanto, faremos menção a clivadas invertidas como *clivadas “é que”*, principalmente por assumirmos que a cópula forma, juntamente com o complementizador, uma estrutura cristalizada como resultado de reanálise, não projetando um sintagma verbal (cf. COSTA; DUARTE, 2001; LOBO, 2006; AMBAR, 2005; SILVEIRA, 2020). A principal evidência para isso, além da adjacência entre os dois elementos, seria o fato de a cópula aparecer preferencialmente na forma invariável *é*.

Já as clivadas canônicas sempre foram analisadas como orações bipartidas, ou seja, que contam com dois verbos: a cópula e o verbo temático. Nessas construções, os dois verbos da estrutura apresentam aspectos formais de concordância e tempo. Entretanto, no PB, mas não no PE, temos ocorrências em que a cópula não apresenta convergências formais com outros elementos da sentença, o que, à primeira vista, pode aparentar ser também um caso de invariabilidade:

- (2) É eles que chegaram.

Ao contrário do que acontece com (1a), onde o verbo *ser* concorda com o foco e apresenta harmonia temporal com o verbo lexical, a sentença acima não manifesta o mesmo comportamento da cópula. Esse fenômeno, em discrepância com o que ocorre no PE, levou alguns autores, como Kato (2009, 2018) e Kato e Ribeiro (2009), a defenderem que as clivadas canônicas do PB apresentam um caso claro de gramaticalização, a partir do qual a cópula passa a funcionar como um focalizador, aparecendo, portanto, na forma invariável *é*.

Neste artigo, defenderemos, sob a perspectiva do Programa Cartográfico, que não existe tal processo diacrônico envolvendo as clivadas canônicas do PB, e que a cópula dessas estruturas, embora opere em função da focalização, é verbal, no sentido de projetar uma estrutura IP. Sob essa perspectiva, mesmo nos casos em que ela aparece na forma dita como invariável, a cópula ainda é um verbo. Assumimos que apenas a cópula das clivadas *é que* configuraria um item funcional focalizador, sendo que, somente nesse caso, estaríamos diante de invariabilidade.

2. CLIVAGEM E CARTOGRAFIA

O Programa Cartográfico é uma vertente de pesquisa da sintaxe gerativa que concebe as estruturas sintáticas como objetos complexos, hierárquicos e articulados. Sob essa perspectiva, determinados XPs são representados como uma camada que contém

diversas projeções articuladas. Um dos trabalhos fundamentais do projeto cartográfico é Rizzi (1997), no qual o autor propõe uma hierarquia para o sistema CP. Essa camada é fundamental para o estudo das clivadas porque é onde estão alojados elementos discursivos, como o foco.

A ênfase que o programa cartográfico dá ao detalhamento das estruturas geradas, partindo da proposta de que os elementos das estruturas sintáticas estão organizados em uma hierarquia fixa, nos auxilia a justificar fenômenos envolvendo as clivadas do português brasileiro. Assim, optamos pelo embasamento teórico nesse projeto, pois tal abordagem nos fornece uma boa proposta de descrição e de representação da ordem rígida de certos constituintes, além de uma estratégia de diagnose plausível para identificar a altura dos constituintes que realizam movimento, aspectos significativos para a análise das características formais das clivadas do português brasileiro.

Neste artigo, defendemos que as clivadas canônicas apresentam uma cópula verbal, e isso implica que concebamos sua estrutura como bioracional. Para o PB, temos a representação proposta por Miotto e Figueiredo Silva (1995), na qual a cópula seleciona um CP clivado e, nesse caso, equiparado a um sintagma focal, para cujo especificador o foco é movido:

(3) [IP [pro_{exp} [I' Foi_i [VP [V' t_i [CP(=FP) **o João**_j; [C' que [IP t_j comeu o bolo]]]]]]]]

Como a proposta dos autores é anterior ao projeto cartográfico desenvolvido para o CP por Rizzi (1997), esse sintagma não é expandido na representação. Uma análise que resgata a articulação de CP é a proposta de Belletti (2012) para as clivadas, na qual o CP é expandido, embora truncado, uma vez que não inicia em Force, mas em FocP, já que é um CP focal:

(4) [T cópula [CP_{Force}FocP [FinP que [TP S ...O/(PP)]]]]

O complementizador *que* se originaria em Fin, realizando movimento de núcleo para núcleo até Foc:

(5) [Foi [FocP O JOÃO que_i [TopP [FinP t_i [IP comeu o bolo]]]]]

As análises mencionadas acima dão conta da impossibilidade de focalização de constituintes que não convergem gramaticalmente com a categoria vazia relacionada ao foco na estrutura argumental. Assumimos, portanto, a representação das clivadas nos moldes de Miotto e Figueiredo Silva (1995), mas considerando a expansão do CP que contém o foco. Colocamos, porém, dois pontos em discussão, com relação às duas análises. O primeiro é a ausência de ForceP na proposta em (4), de Belletti (2012), uma vez que a projeção FocP não daria conta da indicação de que o CP é subordinado. O segundo ponto é que as análises em (3) e (4) apontam para uma relação de extrema adjacência entre foco e *que*. Entretanto, Ribeiro (2011) sugere que é possível que esses dois elementos sejam interpolados por uma parentética:

(6) Foi João, segundo Maria, que meu irmão viu.

(RIBEIRO, 2011, p.114)

A possibilidade de sentenças como (6) em PB leva a autora a sugerir que o complementizador das clivadas seja a realização fonética dos traços do núcleo Fin.

Nesse caso, partimos da assunção de que o CP das clivadas é articulado e encabeçado por uma especificação de força, para garantir a indicação de subordinação, e que o complementizador permanece em Fin, já que a possibilidade de intervenção das parentéticas quebra a ideia de relação spec-head entre foco e *que*.

3. ASPECTOS FORMAIS DAS ESTRUTURAS DE CLIVAGEM

Vimos que as clivadas canônicas do PB comumente apresentam uma cópula que estabelece convergências formais com outros elementos da sentença. Como mencionado na introdução deste artigo, geralmente, o verbo *ser* concorda com o foco e apresenta harmonia temporal com o verbo subordinado:

- (7) a. Foram as meninas que comeram a torta.
b. Eram as meninas que comiam torta.
c. Fui eu que comi a torta.
d. Era eu que comia torta.
e. Fomos nós que comemos a torta.
f. Éramos nós que comíamos torta.

Entretanto o PB apresenta variação em relação a esse panorama, quando licencia clivadas que não apresentam essas convergências. Kato (2009) afirma que, nesse caso, ela estaria na forma invariável:

- (8) **É** o Pedro que a Maria viu.

(KATO, 2009, p. 375)

De acordo com Kato (2009, 2018) e Kato e Ribeiro (2009), o fato de a cópula das clivadas canônicas aparecer na forma invariável no presente configura resultado de gramaticalização. Kato (2009) também aponta, com base em sentenças interrogativas, que outro caso de gramaticalização envolvendo estruturas de clivagem no português brasileiro é o apagamento da cópula:

- (9) a. **Foi** [FP quem] que a Maria viu?
b. **É** [FP quem] que a Maria viu?
c. **__** [FPquem] que a Maria viu?

(KATO, 2009, p. 384)

Para Kato (2009), sentenças como (9c), sem a cópula, são estruturas gramaticalizadas não a partir de estruturas análogas a (1b), mas de estruturas de cópula inicial. Tal afirmação, segundo a autora, encontra respaldo no argumento de Kato e Miotto (2005), de que o apagamento da cópula em outros tipos de sentença é licenciado quando ela se encontra no início da sentença, mas não em outras posições. Embora o apagamento faça sentido em contextos de gramaticalização, configurando seu último estágio, argumentaremos, nas seções seguintes, que o processo diacrônico a partir do qual novos elementos funcionais são gerados não está envolvido nos fenômenos de concordância das clivadas do português brasileiro.

4. CLIVADAS CANÔNICAS APRESENTAM CÓPULA INVARIÁVEL?

A ocorrência, em PB, de clivadas canônicas nas quais a cópula não apresenta convergências formais com outros elementos das sentenças nos leva a levantar a possibilidade de o verbo ser estar na forma invariável, assim como ocorre com as clivadas de foco inicial, nas quais a cópula aparece com mais naturalidade na forma cristalizada *é*, como resultado de reanálise:

- (10)a. *É* eles que chegaram.
b. ELES *é* que chegaram.

Algumas evidências, entretanto, nos levam a crer que: a) a cópula das clivadas canônicas aparecer na forma *é* não indica necessariamente que ela esteja invariável e b) conseqüentemente, o fenômeno por trás da ocorrência do verbo *ser* em terceira pessoa do singular e no tempo presente, sem convergências formais com o foco e com a subordinada, não seria o mesmo em clivadas canônicas e clivadas *é que*. Acreditamos que apenas as clivadas de foco inicial apresentam cópula invariável.

Apontamos, primeiramente para o comportamento inverso da cópula dessas construções, no que diz respeito aos seus aspectos formais: a forma mais natural das clivadas canônicas, em termos de marcação de tempo e de concordância, é a menos natural ou agramatical nas clivadas *é que*.

No padrão canônico de clivada, é mais natural que a cópula apresente convergências formais com outros elementos da sentença, mesmo que O PB licencie casos como (10a). Salientamos ainda que, em alguns casos, como veremos nas seções posteriores, a ausência dessa convergência pode gerar agramaticalidade. Esse não é o mesmo comportamento das clivadas *é que* do PB, que são licenciadas preferencialmente com cópula na forma invariável *é*. Para esse tipo de sentença, o estabelecimento da concordância é agramatical:

- (11) *Eu fui que cheguei.

O segundo ponto, que salienta a diferença naquilo que está por trás da suposta invariabilidade da cópula em clivadas canônicas e *é que*, seria o comportamento diacrônico dessas estruturas. As clivadas *é que*, ao contrário das clivadas canônicas, aparecem com cópula invariável desde a sua evolução na história do português, por volta de 1700 (cf. SILVEIRA, 2014, 2017). A partir dos dados de Silveira (2014)², contendo clivadas extraídas do *Corpus TychoBrahe*, a partir de textos de autores nascidos entre os séculos XVI e XIX, observamos que essas estruturas apresentam cópula invariável desde o ponto de inflexão da gramática do português que culminou na sua emergência. Já no caso das clivadas canônicas, os mesmos textos apresentam ocorrência quase categórica de cópula com concordância e alguns poucos casos de ausência de harmonia temporal:

² Dados extraídos do corpus *TychoBrahe* (<http://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/>) pela autora, a fim de observar a emergência das clivadas nos referidos textos. Chegamos ao panorama de concordância mencionado neste artigo, a partir da verificação manual dos dados da nos anexos de seu trabalho.

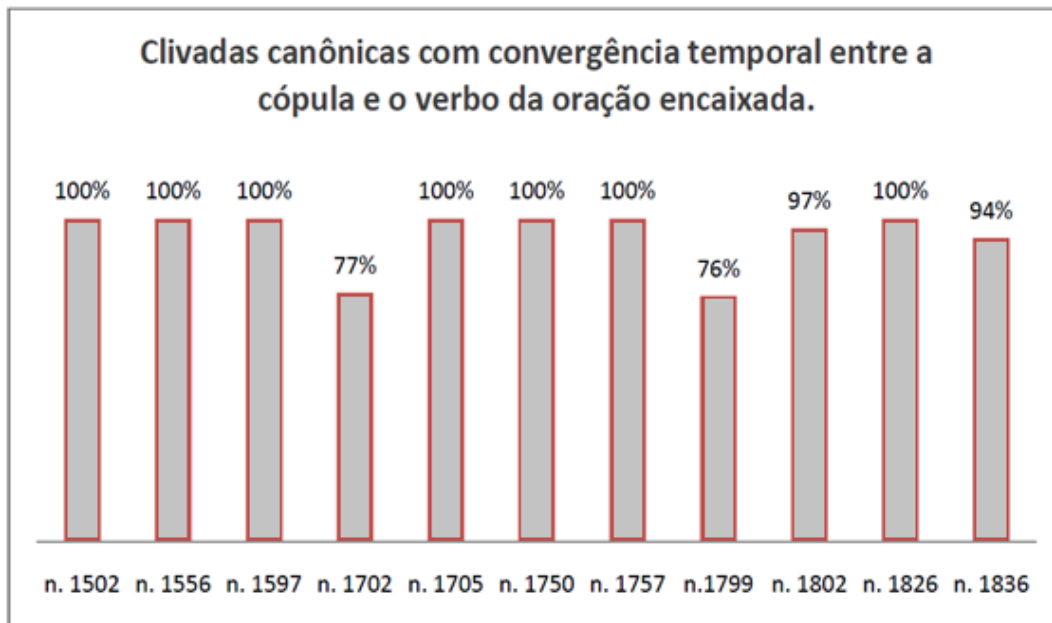


Gráfico 1: frequência de clivadas canônicas encontradas no corpus TychoBrahe apresentando convergência temporal entre a cópula e o verbo da sentença encaixada³.

Os dados com ausência de harmonia temporal, em sua maioria, apresentavam a cópula no presente:

- (12) a. Não é a paixão nem o amor que farão o meu discurso.⁴
 b. É a patetice do nosso boticário que te tirou da miséria.⁵
 c. É de este tempo que eu e meu irmão tivemos a honra de nos tratar por tu com o ilustre diplomata [...]⁶

Entretanto, os dados sugerem que há preferência pela realização da convergência temporal entre cópula e verbo subordinado.

Em suma, aparentemente, enquanto as clivadas *é que* seriam originalmente geradas com uma cópula invariável, a cópula sem convergências formais das clivadas canônicas seria um fenômeno que se desenvolveu posteriormente.

Por último, destacamos que, uma vez que concebemos casos como (10a) como clivadas de cópula invariável, concatenamos a ausência de concordância entre cópula e foco e a ausência de harmonia temporal com a subordinada dentro do mesmo fenômeno. Por outro lado, as clivadas canônicas do PB podem apresentar essas características separadamente. Ou seja, enquanto as clivadas *é que* aparentam, de fato, possuir uma cópula invariável, no sentido de não apresentarem marcas formais relacionadas a tempo e nem de concordância, as clivadas canônicas podem apresentar a ausência de tais traços de maneira independente:

³ Cada barra do gráfico corresponde a um texto do corpus do qual as clivadas foram extraídas, e o ano indicado para cada um dos mesmos é referente ao nascimento do autor.

⁴ Cavaleiro de Oliveira (nasc. 1702), Cartas.

⁵ J. B. da Silva L. de Almeida Garret (nasc. 1799), Teatro.

⁶ Marquês de Fronteira e d'Alorna (nasc. 1802), Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna.

- (13)a. São eles que fizeram o acordo de delação em Nova York [...] ⁷
b. O valor é *eles que sabem* [...] ⁸

Em (13a), temos uma clivada cuja cópula concorda com o foco, mas não apresenta harmonia temporal com o verbo temático. Já em (13b), temos convergência temporal, mas não há concordância entre a cópula e o foco. Suspeitamos, portanto, que o que está acontecendo com as clivadas do PB não seria um caso de invariabilidade, mas de fenômenos independentes da cópula, no que diz respeito a tempo e concordância, que figuram como variação entre PE e PB, como veremos adiante.

Além disso, as atribuições dos morfemas de pessoa e número e de tempo e modo configuram operações distintas. O primeiro caso envolve o movimento para uma posição de especificador e, o segundo, o movimento de núcleo para núcleo. Trataremos, portanto, do que vem sendo tratado como invariabilidade da cópula em clivadas canônicas em termos de ausência de concordância entre cópula e foco e de ausência de convergência temporal entre a cópula e o verbo da oração encaixada, concebendo-os como fenômenos independentes.

5. GRAMATICALIZAÇÃO E CARTOGRAFIA

A noção de gramaticalização foi introduzida por Meillet (1912), que definiu o fenômeno como um processo pelo qual uma palavra autônoma é transformada em um elemento gramatical. Na vertente gerativista de estudos em gramaticalização, este fenômeno é concebido como um processo histórico pelo qual novo material funcional é criado, não sendo fundamentalmente diferente de outros tipos de mudança (ROBERTS; ROUSSOU, 2003; ROBERTS, 2007).

A cadeia de mudança envolvendo gramaticalização ocorre em direção a projeções mais altas, ou seja, através da reanálise de um núcleo como um núcleo mais alto, por exemplo. Nesse sentido, se é defendido que o PB licencia clivadas canônicas de cópula invariável como resultado de gramaticalização, é necessário fornecer evidências que apontem que a cópula tida como invariável está em uma posição mais alta em relação à flexionada, que não estaria gramaticalizada.

Nesse procedimento, ressaltamos uma importante convergência dos estudos em gramaticalização com o projeto cartográfico. Isso porque essa linha de pesquisa apresenta uma metodologia própria de diagnose da posição de constituintes. Os testes com advérbios, com base na hierarquia proposta por Cinque (1999), têm sido amplamente utilizados para evidenciar a posição de determinados constituintes. Considerando, à esteira do autor, que os advérbios apresentam uma hierarquia rígida, ocupando núcleos específicos da camada funcional IP, e que o que varia através das línguas é a posição para onde o verbo se desloca na estrutura, os testes de precedência seriam utilizados para diagnosticar que posição seria essa.

Em seu estudo que visa mostrar a diferença na altura do verbo flexionado em PB e PE, Tescari Neto (2016) aponta que o advérbio *já*, que ocupa uma posição medial na arquitetura de IP, considerando-se a hierarquia de Cinque (1999), é um bom parâmetro para diagnosticar a posição do verbo finito. Comparando, então, PE e PB, o autor

⁷ EUA investigam Universal por remessas de R\$ 420 mi. *Folha de S. Paulo*, 2010. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po2408201023.htm>. Acesso em Janeiro de 2020.

⁸ DOMINGOS e Santos têm tudo para renovar. *O Globo*, 2008. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/domingos-santos-tem-tudo-para-renovar-3801225>. Acesso em Janeiro de 2020.

verificou que, apenas no primeiro, o verbo pode ultrapassar o advérbio *já* – no PB, nem o verbo temático e nem os auxiliares podem realizar essa operação – como nos exemplos mencionados pelo autor (p.94), obtidos em Modesto (2000, p. 27):

- (14)a. A Maria já não come nada, não deveria fazer dieta. (PB/PE)
b. A Maria não come já nada, não devia fazer dieta. (*PB/PE)

De acordo com a hierarquia proposta por Cinque para os advérbios da camada IP, a posição ocupada pelo advérbio *já* é $T_{Anterior}$. Na estrutura apresentada pelo autor, há três projeções relacionadas a tempo: T_{Past} , T_{Future} e $T_{Anterior}$, sendo que esta última corresponde à posição mais baixa relacionada a tempo na estrutura IP. Assim, os dados em (14) estariam indicando que o verbo no PB não ultrapassa a posição medial da sentença.

Considerando que temos o objetivo de verificar se a cópula “invariável” é mais alta que a cópula flexionada nas clivadas do PB, o que seria uma evidência para gramaticalização, utilizamos os testes com *já*, para verificar se a cópula sem convergências formais ultrapassa os limites de $T_{Anterior}$. Olhando, primeiramente, para as clivadas com cópula apresentando concordância e convergências formais com outros elementos sentenciais, observamos que o mesmo impedimento apontado por Tescari Neto para os demais verbos flexionados do PB é estabelecido, uma vez que o verbo *ser* também não pode ultrapassar o advérbio *já*:

- (15)a. Já foi a Maria que presidiu a empresa.
b. *Foi já a Maria que presidiu a empresa.

Olhando, agora, para as clivadas de cópula “invariável” com exemplos de verbo temático no passado, podemos ter a ilusão precipitada de que a cópula está em uma posição mais alta, pois a sentença é agramatical se a cópula aparecer abaixo de *já*:

- (16)*Já é a Maria que presidiu a empresa.

Por outro lado, essa possibilidade é excluída ao verificarmos que cópula também não pode aparecer acima do advérbio, e isso resulta numa sentença que gera ainda mais estranhamento que (16), o que nos leva a suspeitar que o que impera na agramaticalidade dessas sentenças não é a posição do advérbio, e sim sua carga semântica:

- (17)*É já a Maria que presidiu a empresa.

Acrescentamos ainda que, no caso de clivadas com verbos temáticos em outros tempos verbais e cópula na forma considerada invariável, a presença do advérbio é aceitável na clivada, desde que ele apareça acima do verbo *ser*:

- (18)a. Já é a Maria que preside a empresa.
b. *É já a Maria que preside a empresa.

- (19)a. A partir de amanhã, já é a Maria que presidirá a empresa.
b. *A partir de amanhã, é já a Maria que presidirá a empresa.

No caso de ausência de concordância com o foco, o mesmo é verificado. A cópula não pode aparecer em uma posição acima do advérbio medial (20), apresentando o mesmo comportamento da cópula flexionada (21):

- (20)a. Já é nós que presidimos a empresa.
 b. *É já nós que presidimos a empresa.

- (21)a. Já somos nós que presidimos a empresa.
 b. *Somos já nós que presidimos a empresa.

Se assumirmos o que Tesconi Neto (2016) aponta com relação à posição do verbo flexionado em PB, podemos sugerir que os testes com o advérbio medial *já* evidenciam que tanto a cópula flexionada quanto a “invariável” não ultrapassam a posição mais baixa da estrutura que é racionada a tempo, assim como os demais verbos do PB. Isso seria incompatível com uma análise de gramaticalização, visto que, se assim fosse, a cópula “invariável” teria que estar alojada em uma posição mais alta que a flexionada. Retomamos ainda que, se essa gramaticalização ocorresse pela reanálise da cópula como focalizador, a posição adequada para esse elemento seria a camada CP que contém a projeção de foco, entretanto, os exemplos acima parecem sugerir que, mesmo em IP, o verbo *ser* não está em uma posição mais alta.

6. CLIVADAS SEM CONCORDÂNCIA EM PB: INACUSATIVIDADE E POSPOSIÇÃO

Os fenômenos envolvendo os aspectos da cópula das clivadas do PB não são licenciados em PE, e o fato de essas duas variedades estarem geneticamente relacionadas pode nos motivar a analisar as diferenças entre essas duas gramáticas à luz dos estudos em mudança linguística, no sentido de investigar o que aconteceu no curso do tempo que levou o português brasileiro a licenciar certos aspectos das clivadas que são bloqueados em PE.

Embora acreditemos que exista um componente diacrônico que explique essas discrepâncias, isso não necessariamente teria ocorrido dentro do domínio das estruturas de clivagem, pois as duas variedades do português já apresentam fortes divergências em outros contextos envolvendo a camada flexional, como já apontam alguns estudos.

Costa e Figueiredo Silva (2006), por exemplo, indicam que, no português europeu, o paradigma verbal do tempo presente apresenta cinco combinações possíveis. Enquanto isso, o PB teria duas variedades: PB1 e o PB2, com quatro e duas oposições flexionais, respectivamente:

PE	PB1	PB2
Canto	Canto	Canto
Cantas	Canta	Canta
Canta	Canta	Canta
Cantamos	Canta/Cantamos	Canta
Cantam	Cantam	Canta
Cantam	Cantam	Canta

Tabela 1: Oposições flexionais em PE, PB1 e PB2 (COSTA; FIGUEIREDO SILVA, 2006)

O que a questão da riqueza morfológica dos paradigmas flexionais do PB e do PE pode indicar para o caso das clivadas típicas do PB, que não apresentam concordância da cópula com o foco, é que já são licenciados nessa variedade casos de verbos lexicais com

flexão padrão de 3ª pessoa do singular e sujeitos apresentando outras propriedades formais, o que não ocorre em PE.

Sob essa perspectiva, se uma das variedades do PB licencia, com base no paradigma em acima, ocorrências sem concordância de número entre o sujeito e o verbo, casos como (22) não seriam evidência para cópula invariável. A aparente ausência de concordância na sentença abaixo pode ser, na verdade, o estabelecimento de conformidade com o paradigma flexional do PB2:

(22) É as meninas que amam o João.

O que inviabiliza a hipótese acima é o fato de a oposição da primeira pessoa do singular ser bem marcada em todas as variedades do PB, que não licencia ocorrências como *Eu canta* ou *Eu é*. Nesse caso, as propriedades morfológicas dos verbos no PB por si só não nos auxiliam a lidar com casos de ausência de concordância de 1ª pessoa do singular entre a cópula e o foco das clivadas do PB:

(23) É eu que amo o João.

Nesse caso, apontamos que há de se considerar outros dois fatores que podem gerar efeitos de concordância nessas sentenças: o caráter inacusativo da cópula e o fato de não haver relação spec-head entre ela e o foco.

A concordância entre a cópula e o foco não é realizada nas clivadas por meio da configuração spec-head entre esses dois elementos. Nesse caso, o que se encontra na posição de especificador do núcleo que contém a cópula é um *pro*, assumindo-se a estrutura representada aqui em (3). Assim, o foco concorda com a cópula por *downwardagree*, a mesma operação responsável pela concordância envolvendo verbos inacusativos e sujeitos pospostos. Nesses casos, *opro* está em configuração spec-head com o verbo, que converge em pessoa e número com o sujeito que figura em posição pós-verbal. Entretanto, a concordância nesses casos nem sempre é verificada:

(24) a. Chegou as cartas.
b. Caiu os livros.
c. Morreu as plantas.

Em casos com os de (24), a transferência de traços não ocorre e o verbo concorda em 3ª pessoa do singular com o *pro*. Embora não seja o objetivo deste estudo justificar essas ocorrências em PB, tais dados mostram que a ausência de *downwardagree* ocorre em contextos não clivados, sem envolver gramaticalização. Considerando, portanto, que a cópula é um inacusativo, bem como a semelhança na configuração da concordância com os demais verbos dessa natureza, levantamos a hipótese de que a não verificação da concordância entre a cópula e o foco nas clivadas canônicas apresenta o mesmo efeito de concordância atestado nos inacusativos de sujeito posposto.

No que diz respeito ao comportamento discrepante entre as clivadas do PB e do PE, apontamos que o papel da posição dos elementos sentenciais e da inacusatividade na relação de concordância estabelecida também não seria o mesmo nessas duas variedades. Costa e Figueireda Silva (2006) apontam que a inacusatividade e a posposição do elemento com o qual o verbo canonicamente concordaria geram mais efeitos de concordância em PB do que em PE: enquanto em PE a ausência de concordância é uma possibilidade, em PB1 ela é preferida, uma vez que a concordância, nesses casos, soa como requintada demais aos ouvidos do falante:

- (25) a. ?? Queimaram muitas florestas.
b. Queimou muitas florestas.

Essa preferência é ainda mais estrita em PB2, variedade na qual, segundo os autores, não há concordância de número entre sujeito e verbo em contexto algum:

- (26) a. *Os menino comeram o doce.
b. Os menino comeu o doce.
c. *Os menino tossiram.
d. Os menino tossiu.

- (27) a. *Queimaram muitas floresta.
b. Queimou muitas floresta.
c. *Muitas florestas queimaram.
d. Muitas floresta queimou.

Em detrimento da ideia de que exista um processo de gramaticalização envolvendo a cópula das clivadas do PB, diferenciando-as das clivadas do PE, acreditamos que uma possibilidade para essa discrepância não seja um fenômeno que ocorre exclusivamente nas clivadas, mas um reflexo das possibilidades flexionais e dos efeitos da inacusatividade e da posição do elemento com o qual o verbo tradicionalmente concordaria nessas duas variedades.

Salientamos, porém, que Costa e Figueiredo Silva (2006) tratam de tais efeitos de concordância para os inacusativos com sujeito posposto apenas em termos de número. Contudo, acrescentamos que o mesmo efeito gerado pela posposição do elemento com o qual o verbo inacusativo concordaria engloba também os casos de 1ª pessoa do singular:

- (28) a. Chegou eu e depois o João.
b. Não sei se é eu que não estudei, mas achei a prova difícil.⁹

Não negamos a existência de um processo diacrônico que explique as possibilidades formais do PB, gerando um comportamento diferente dessas estruturas no PE. Entretanto, o fenômeno em questão está antes ligado à mudança relacionada ao sistema flexional e aos efeitos de concordância envolvendo os inacusativos. Essa propriedade do PB não estaria relacionada a um processo de gramaticalização, pois o fenômeno em questão também afeta verbos lexicais.

7. CLIVADAS SEM HARMONIA TEMPORAL: EVIDÊNCIAS DE CÓPULA VERBAL

Assim como nos casos envolvendo ausência de concordância da cópula em clivadas canônicas, defendemos que a ausência de convergência temporal entre o verbo *ser* e o verbo temático também não é evidência suficiente para um processo de gramaticalização. O primeiro indício de que a cópula na forma tida como invariável não sofreu gramaticalização já foi aqui mencionado, que é a impossibilidade desse elemento de ultrapassar o advérbio *já*. Caso a cópula fosse um item funcional focalizador, a camada

⁹ A estrutura em (28b) não é uma clivada, uma vez que não existe a relação foco-suposição entre *eu* e a estrutura argumental que aparece depois do complementizador.

mais adequada para ela seria CP, que contém os elementos com propriedades discursivas, como foco e tópico. Entretanto, com os testes com o advérbio, vimos que a cópula, mesmo na forma “invariável”, ocupa uma posição baixa dentro de IP. Sem uma evidência de que esse elemento está em posição mais alta do que o verbo *ser* flexionado, não temos força explanatória para sustentar uma análise de gramaticalização.

Outro ponto que reforça que, independente de seus aspectos formais, a cópula das clivadas canônicas tem estatuto verbal, é que, diferentemente do que acontece com itens funcionais, o verbo *ser* ainda sofre modificação por meio de advérbios nessas construções. Embora o PB licencie clivadas de cópula no presente e com verbo temático em outro tempo verbal, a primeira é sensível à presença de advérbios e de locuções adverbiais de tempo que não sejam compatíveis com presente, o que não seria esperado se estivéssemos diante de uma cópula funcional:

- (29) a. Ontem, foi o João que beijou a Maria.
b. *Ontem, é o João que beijou a Maria.

- (30) a. Naquela época, era o João que amava a Maria.
b. *Naquela época é o João que amava a Maria.

O mesmo comportamento não é verificado nas clivadas *é que*, que apresentariam cópula funcional focalizadora e que, portanto, não é sensível à presença dos mesmos advérbios:

- (31) a. Ontem O JOÃO é que beijou a Maria.
b. Naquela época, O JOÃO é que amava a Maria.

Há também o caso da negação. Nas construções clivadas, tanto o verbo lexical quanto a cópula podem ser negados (32), mesmo quando esta está na forma dita como invariável. A cópula mencionada nos trabalhos de Kato (2009; 2018) e Kato e Ribeiro (2009) como gramaticalizada e invariável não apresenta incompatibilidade com a negação (33), como se esperaria caso ela fosse um item funcional – assim como nas clivadas *é que*:

- (32) a. Foi a Maria que não bebeu na festa.
b. Não foi a Maria que bebeu na festa.

- (33) Não é a Maria que bebeu na festa.

A cópula funcional das clivadas *é que* não é passível de negação. Nessas construções, apenas o único verbo presente na estrutura pode ser negado, que é o temático:

- (34) a. *A Maria não é que bebeu na festa.
b. A Maria é que não bebeu na festa.

Portanto, se a cópula das clivadas canônicas estivessem operando como elemento funcional focalizador quando apresenta tempo presente, divergindo do tempo do verbo temático, esperaríamos que ela também não pudesse ser negada, assim como outros itens funcionais. Entretanto, enquanto verbo, essa negação deve ser esperada.

Os dados acima ressaltam o caráter bipartido da clivada canônica, uma vez que podemos negar duas camadas informacionais da sentença. A negação do verbo principal em (32a) modifica a pressuposição da clivada, que passa a ser a de que *alguém não bebeu na festa*. Já em relação à cópula, a negação opera sem afetar a pressuposição. Quando a cópula é negada, tanto em (32b) quanto em (33), é impedida a seleção do item *a Maria* como valor para a variável aberta na sentença.

Levantamos a hipótese de que a função da cópula nas clivadas canônicas seja a de operar em favor da focalização, mas não da mesma maneira que o complementizador ou como a cópula invariável das clivadas *é que*. A função da cópula nas clivadas canônicas está voltada a relacionar o foco ao preenchimento da pressuposição de existência, típica das estruturas especificacionais como as clivadas (cf. MODESTO, 2001), enquanto é o complementizador o responsável pela indicação sintática do foco marcado, sendo, portanto, aqui considerado como o focalizador sintático na estrutura, pois não possui carga informacional além da indicação de focalização.

Caso a cópula presente, de fato, essa propriedade, não haveria a obrigação formal de que ela apresente convergência temporal com a pressuposição sentencial. Isso não seria uma especificidade do PB: há línguas, como alemão, por exemplo, que licenciam clivadas com cópula no presente e verbo lexical com outra informação temporal:

(35) Esist der Wein, den ich nicht vertragen habe,
(É o vinho que eu não tolerei.)

(HARTMANN; VEENSTRA, 2013, p. 14)

Além de indicar que o fato de o verbo *ser* ocorrer no tempo presente, divergindo do tempo do verbo subordinado, não configura evidência suficiente para postular-se que a cópula se gramaticalizou, as evidências apontadas neste estudo nos levam a assumir que as características formais das estruturas de clivagem não são universais.

Sob essa perspectiva, essas construções apresentam variação translinguística no que diz respeito a certas propriedades morfossintáticas. Isto posto, assumimos que as clivadas do português brasileiro podem apresentar divergências em relação ao PE que não necessariamente estão relacionadas a um caso de gramaticalização. Se existe algum processo diacrônico responsável pelo licenciamento de clivadas sem convergência temporal entre a cópula e o verbo lexical, ele estaria antes relacionado a alguma mudança envolvendo o tipo semântico da cópula, mas sem interferir em seu estatuto de verbo.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, analisamos as estruturas de clivagem, no que diz respeito a seus aspectos formais, a fim de reforçar que tais características não são universais. Hartmann e Veenstra (2013), a esse respeito, já apontam para a possibilidade de variação no âmbito das clivadas através das línguas e, neste estudo, defendemos que há variação entre PB e PE em relação à concordância e à harmonia temporal entre a cópula e outros elementos sentenciais.

Embora essas divergências entre as duas variedades do português tenham guiado alguns estudos (KATO, 2009, 2018; KATO; RIBEIRO, 2009) em direção a uma análise de gramaticalização que teria afetado apenas a variedade brasileira, resultando em clivadas com cópula funcional, apresentamos evidências de que as clivadas canônicas do PB sempre apresentam cópula verbal, independentemente de seus aspectos formais.

Nesses estudos, a motivação para afirmar que existe um processo diacrônico de gramaticalização envolvendo as clivadas reside em aspectos observados na superfície dessas sentenças: o PB licencia clivadas nas quais a cópula não concorda com o foco e não converge em tempo com o verbo temático, como ocorre no PE. Nesses casos, a cópula aparece na forma *é*, o que gera a impressão de que ela está na forma invariável.

O que nos leva a defender que não há gramaticalização nesses casos é que não há evidência de que a cópula sem convergências formais com outros elementos da sentença esteja alojada em uma posição mais alta do que a cópula flexionada e não gramaticalizada. Essa evidência seria fundamental em uma proposta de gramaticalização, uma vez que, se um núcleo, como é o caso da cópula, se gramaticaliza, ele passa a ocupar um núcleo mais alto na estrutura.

Defendemos, portanto, que uma possibilidade para se explicar a ausência de concordância da cópula é que esse seria um efeito da inacusatividade desse verbo, somada à posposição do elemento com o qual ele canonicamente concordaria. No caso da ausência de harmonia temporal entre a cópula e o verbo temático, sugerimos que, se aquela possui função de relacionar o foco à variável aberta na pressuposição, não haveria obrigação formal no estabelecimento dessa convergência. Intentamos dar continuidade a esse último aspecto, com o objetivo de constatar se o mesmo comportamento é verificado em especificacionais não clivadas.

REFERÊNCIAS

- AMBAR, M. Clefts and tense asymmetries. In: DI SCIULLO A. M. (Ed.). *UG and External Systems. Language, brain and computation.* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005. p. 95-127.
- BELLETTI, A. Revisiting the CP of clefts. In: GREWENDORF, G.; ZIMMERMANN, T. E. (ed.). *Discourse and Grammar - From Sentence Types to Lexical Categories.* Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. pp. 91-114.
- CINQUE, G. *Adverbs and Functional Heads: A Cross-linguistic Perspective.* New York: Oxford University Press, 1999.
- COSTA, J.; DUARTE, I. Minimizando a Estrutura: Uma Análise Unificada das Construções de Clivagem em Português. In: CORREIA, C.; GONÇALVES, A. (ed.). *Actas do XVI ENAPL.* Lisboa: APL/Colibri, 2001. p. 627-638.
- COSTA, J.; FIGUEIREDO SILVA, M. C. Nominal and verbal agreement in Portuguese: An argument for Distributed Morphology. In: COSTA, J.; FIGUEIREDO SILVA, M. C. (ed.). *Studies on Agreement.* Amsterdam: John Benjamins, 2006. p. 25-46.
- HARTMANN, K.; VEENSTRA, T. Introduction. In: HARTMANN, K.; VEENSTRA, T. (ed.). *Cleft Structures.* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2013. p. 1-32.
- KATO, M. A. Mudança de ordem e gramaticalização na evolução das estruturas de foco no português brasileiro. *Estudos linguísticos*, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 375-385, jan./abr., 2009.
- KATO, M. A. Estruturas de Focalização no português brasileiro dos séculos XIX e XX. In: CYRINO, S. M.; TORRES-MORAES, M. A. (org.). *Mudança sintática do português brasileiro: perspectiva gerativista.* 1. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 420-440.
- KATO, M. A.; MIOTO, C. A multi-evidence study of European and Brazilian Wh-questions. In: KEPSER, S.; REIS, M. (ed.). *Linguistic evidence: theoretical, quantitative and computational perspectives.* 1. ed. Berlin/New York: Mouton De Gruyter, 2005. p.307-328.
- KATO, M. A.; RIBEIRO, I. Cleft sentences from Old Portuguese to Modern Brazilian Portuguese. In: DUFTER, A.; JACOB, D. (org.). *Focus and Background in Romance Languages.* Amsterdam: John Benjamins, 2009. p. 123-154.
- LOBO, M. Assimetrias em construções de clivagem em português: movimento vs geração na base. In: OLIVEIRA, F.; BARBOSA, J. (org.). *Actas do XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística.* Lisboa: APL, 2006. p. 457 – 473.
- MEILLET, A. L'évolution des formes grammaticales. *Scientia (Rivista di Scienza)*, Paris, Librairie Ancienne Honoré Champion, 12, n. 26, 6, p. 130-148, 1912.
- MIOTO, C.; FIGUEIREDO SILVA, M. C. Wh que = Wh é que? *DELTA*, v.11, n. 2, p. 301-311, 1995.

- MODESTO, M. *As construções clivadas no português do Brasil: relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia*. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2001.
- RIZZI, L. The Fine Structure of the Left Periphery. In: HAEGEMAN, L. (ed.). *Elements of Grammar: A Handbook of Generative Syntax*. Dordrecht: Kluwer, 1997. p. 281-337.
- RIBEIRO, Ilza. Construções de focalização: Comentários ao texto de Simone Guessier. In NAVES, RozanaReigota; SALLES, Heloísa (orgs). *Estudos formais da gramática das línguas naturais*. Goiânia: Câne Editorial. 2011, p. 109-122.
- ROBERTS, I. *Diachronic Syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- ROBERTS, I.; ROUSSOU, A. *Syntactic Change. A Minimalist Approach to Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- SILVEIRA, D. M. *Clivadas e pseudo-clivadas na história do português: uma análise diacrônica das estruturas de foco e implicações da gramática V2*. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.
- SILVEIRA, D. M. A diacronia das clivadas e pseudo-clivadas: implicações da gramática V2 nas estruturas de foco. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, vol. 59, n. 2, p. 267-287, mai./ago. 2017.
- SILVEIRA, D. M. *Foco e Cartografia: Aspectos Formais das Estruturas Clivadas do Português Brasileiro*. 2020. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.
- TESCARI NETO, A. Verb raising, the impoverishment of the verbal paradigm and the weakening of tense in BP. *Revista do GEL*, v. 13, p. 75-106, 2016.

Recebido: 19/9/2020
Aceito: 26/8/2021
Publicado: 23/9/2021